

2 A escritura

2.1 O pecado da escritura

Este primeiro capítulo tem como objetivo situar o interesse de Derrida pela obra freudiana nos primeiros anos de seu trabalho, traçando um panorama dos motivos que levaram ao filósofo a recorrer à psicanálise como instrumento de ruptura com a metafísica da presença, com uma história do pensamento dominado pela idéia de um sentido e uma consciência presentes a si mesmos. Como já antecipamos nas páginas anteriores, é o tema da escritura que terá um papel essencial nesta tentativa de desconstrução dos pressupostos metafísicos. Para compreender a abrangência do trabalho de Derrida em torno deste tema, seria preciso resgatar os principais pontos da filosofia contemporânea à medida que ela se interessa pela questão da linguagem. Como tal tarefa, devido aos limites determinados pelo nosso estudo, não nos é possível, escolhemos privilegiar o diálogo de Derrida com a lingüística de Saussure para mapear os principais pontos do debate no qual Derrida se engajava neste início dos anos sessenta.

Esta escolha pela lingüística não é, no entanto, de todo arbitrária. De fato, Derrida parece lhe conceder um espaço privilegiado em *Gramatologia* afirmando que, por ter criado instrumentos para questionar a unidade metafísica da palavra, a lingüística poderia operar a abertura necessária para uma saída da metafísica. O mesmo que já se esperava da psicanálise. No entanto, no cenário intelectual desta época, a lingüística saussuriana estava sendo reapropriada pela psicanálise de Jacques Lacan, cuja obra, segundo Derrida, já indicava o apelo a um certo transcendentalismo do significante, divergindo, portanto, da postura que o filósofo esperava adotar na sua releitura

de alguns pressupostos freudianos ¹. Deste modo, nossa escolha se justifica pelo fato do debate com a lingüística de Saussure estar já atravessado pelo debate com a psicanálise, mesmo que encarnada, desta vez, na figura de Jacques Lacan.

Para atingir nosso objetivo desta primeira parte do nosso estudo, vamos recorrer, ainda que de forma breve, a três textos de Derrida que datam do início da sua obra: *Gramatologia*, *A farmácia de Platão* e *Freud e a cena da escritura*.

Em *A voz e o fenômeno* Derrida já antecipa o questionamento da noção de “signo” tal como apresentado no pensamento de Husserl, preparando já o terreno para o que seria o debate que ele estabelece com a lingüística de Saussure, em *Gramatologia*. O conceito que será exaustivamente trabalhado ao longo de *Gramatologia* é, no entanto, o de escritura. O filósofo, mais do que defender uma nova visão sobre o tema, aponta para o caráter inevitável do surgimento de uma nova concepção de escritura através da qual seria possível operar uma desconstrução do que ele considera uma série de oposições binárias da metafísica (tais como sensível / inteligível; fala / escrita; significante / significado). No começo de *Gramatologia*, Derrida destaca este movimento de liberação da escritura:

Ora, por um movimento lento cuja Necessidade mal se deixa perceber, tudo aquilo que — há pelo menos uns vinte séculos — manifestava tendência e conseguia finalmente reunir-se sob o nome de linguagem começa a deixar-se deportar ou pelo menos resumir sob o nome de escritura. Por uma Necessidade que mal se deixa perceber, tudo acontece como se — deixando de designar uma forma particular, derivada, auxiliar da linguagem em geral (entendida como comunicação, relação, expressão, significação, constituição do sentido ou do pensamento etc), deixando de designar a película exterior, o duplo inconsistente de um significante maior, o *significante do significante* — o conceito de escritura começava a ultrapassar a extensão da linguagem ².

Derrida nos convida, portanto, a testemunhar este movimento pelo qual a escritura excede aquilo que se entendia até então por “linguagem”. Não que a escritura deixe de designar o “significante do significante” como nos descreve

¹ Sobre as questões do cenário filosófico desta época bem como sobre os possíveis interesses de Derrida pela obra de Lacan, Cf. MAJOR, R. *Lacan com Derrida*, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2002.

² DERRIDA, J. *Gramatologia*, p. 8.

a lingüística de Saussure, mas que esta designação deixa de indicar um lugar simplesmente acessório e exterior da escritura em relação à língua falada, lugar que lhe teria sido atribuído durante toda a história do pensamento metafísico e que a lingüística não faria outra coisa senão confirmar. “Significante do significante”, a partir de então, descreveria, ao contrário, o “jogo” mesmo da linguagem: o significado funcionando desde sempre como um significante e cada significante, por sua vez, só possuindo identidade em sua *diferença* com relação aos outros. Deste modo, o que é “originário” não são os significantes ou significados em si, mas sim uma diferencialidade, um sistema de diferenças em que cada elemento não é mais do que o *traço*³ do outro. Este sistema de diferenças como função secundária, que se acreditaria poder reservar à noção de escritura, afetaria, em verdade, todo o significado em geral. Deste modo, tanto a língua falada quanto a escrita estariam concernidas, desde sempre, por este “jogo” entre os significantes:

Não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo de remessas significantes que constitui a linguagem. O advento da escritura é o advento do “jogo”; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranquilizantes⁴.

Derrida sublinha, portanto, este movimento de *transbordamento* da escritura em relação ao conceito de linguagem. A noção de escritura passaria a compreender a linguagem, ultrapassando a sua extensão designando

não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita; e a seguir, além da face significante até mesmo a face significada; e, a partir daí, tudo o que pode dar lugar a uma inscrição em geral, literal ou não, e mesmo que o que ela distribui no espaço não pertença à ordem da voz: cinematografia, coreografia, sem dúvida, mas também ‘escritura’ pictural, musical, escultural etc.⁵

³ ‘*Différance*’ e ‘traço’ são exemplos do que Derrida chama de “quase-conceitos” ou “indecidíveis”. Através de uma “trama” de indecíveis que atravessa toda a obra de Derrida é que o filósofo exprime a impossibilidade da ‘presença’ de se constituir como perfeita aderência a si mesma. Em *Posições*, Derrida os “define” como “unidades de simulacro, ‘falsas’ propriedades verbais, nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na, mas, sem nunca constituir um terceiro termo, *sem nunca* dar lugar a uma solução na forma da dialética especulativa.” (DERRIDA, J. *Posições*, Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p. 49.) Deste fato decorre toda a dificuldade de ‘capturar’ o sentido destes conceitos, como será observado ao longo desta dissertação.

⁴ DERRIDA, J. *Gramatologia*, p. 8.

⁵ *Ibid.*, p. 11.

Deste modo, se tratará, cada vez mais, para Derrida, de denunciar uma certa “lógica da derivação” destinada à escritura na sua relação à fala, esta última sim, considerada como íntima e próxima ao sentido e à verdade. Ele dedica uma parte considerável de sua *Gramatologia* para mostrar como esta lógica embasaria a própria origem das noções de “significante” e “significado” da lingüística de Saussure. Por caminhos laboriosos que não poderemos retomar aqui, Derrida demonstra que existe um privilégio da fala na constituição do objeto lingüístico. A palavra tem ainda em Saussure um caráter de unidade já previamente constituída; ela é um efeito “do fato, de certo modo misterioso, de o ‘pensamento-som’ implicar divisões”⁶. Deste modo, ainda que Saussure pretendesse descrever a distinção significado/significante como “as duas faces de uma única folha”, a escritura permanece “fonética”, permanece sendo “o fora”, a representação exterior deste “pensamento-som”. Este esquema presente em Saussure teria funcionado na história do pensamento desde Platão, confirmado a escritura numa função instrumental no qual sua única razão de ser seria a de representar a fala: técnica, artifício exterior à língua, tradutora de uma fala plena, de uma fala e de um significado presentes a si mesmos. Neste movimento, este esquema teria produzido uma impressão de unidade absoluta entre voz e sentido. Estas duas características, rebaixamento da escritura e ascensão da voz como presença a si do significado desenhariam a época do *logos*, determinando o “logocentrismo” e também o “fonocentrismo” que lhe são inerentes.

Gostaríamos de destacar, então, e isto seria o mais importante segundo o objetivo do nosso estudo, o movimento pelo qual Derrida faz aparecer, no texto de Saussure, a ameaça desta “figuração exterior” da escritura. O autor destaca que Saussure, já no capítulo de abertura do seu *Curso de lingüística geral*, consagrado inteiramente a este tema, começa por colocar a escritura como sendo “estranha ao sistema interno” da língua, uma ferramenta imperfeita da qual cumpre conhecer a utilidade, mas também “os defeitos e inconvenientes de tal processo”⁷. Derrida ressalta a ambição saussuriana de proteger e mesmo restaurar o sistema interno da língua na pureza de seu

⁶ SAUSSURE, F. *Curso de lingüística Geral*, São Paulo, Cultrix, 1970, p.131.

⁷ *Ibid.*, p.33.

conceito contra a “contaminação” da escritura. O caráter perigoso da escritura, este mal que vem de fora do sistema, é a imagem que não cessa de aparecer no texto de Saussure, como uma advertência ao caráter ilusório da escritura, à astúcia com a qual esta ilude os nossos sentidos. O lingüista convoca a idéia de um “liame natural” do sentido aos sentidos, do sentido ao som: “liame natural, diz Saussure, o único e verdadeiro, o do som”⁸. A imagem gráfica, que acabaria por nos impressionar pelo seu caráter permanente e sólido, mais apropriado que o som para dar conta da unidade da língua através do tempo, terminaria por se impor à custa do mesmo, invertendo, assim, falsamente, a relação natural. A este “liame natural” do significado ao significante fônico, Saussure oporia o “liame superficial” da escritura, que criaria uma “unidade puramente factícia”⁹. Derrida não deixa de marcar o movimento pelo qual, no texto de Saussure, esta “relação natural” teria sido invertida pelo pecado original da escritura:

Malebranche explicava o pecado original, pelo descuido, pela tentação de facilidade e de preguiça, por este *nada* que foi a 'distração' de Adão, único culpado diante da inocência do verbo divino: este não exerceu nenhuma força, nenhuma eficácia, pois *não* aconteceu *nada*. Aqui também, cedeu-se à *facilidade*, que curiosamente, mas como sempre, está do lado do artifício técnico e não da inclinação do movimento natural deste modo contrariado ou desviado¹⁰.

E mais adiante:

Que ‘a imagem gráfica das palavras nos impressiona como um objeto permanente e sólido, mais apropriado que o som para constituir a unidade da língua através do tempo’ não é, contudo, também um fenômeno natural? É que em verdade, uma natureza má, ‘superficial’, ‘factícia’, e ‘fácil’, por embuste, apaga a natureza boa: a que liga o sentido ao som, o ‘pensamento-som’¹¹.

Em *A farmácia de Platão*, texto de 1972, Derrida se dedicará igualmente a discutir o caráter fonologocêntrico do pensamento metafísico. Este texto, que é escrito a partir de uma análise do *Fedro* de Platão, retorna na história da filosofia para situar o mesmo caráter suspeito e perigoso da escritura, a ameaça da autoridade da fala e, por conseguinte, da autoridade de um discurso que se

⁸ Ibid., p. 35

⁹ Id.Ibid.

¹⁰ DERRIDA, J. Gramatologia, p.43.

¹¹ Ibid., p.44.

pretende presente a si mesmo. O autor trabalha sobre a passagem deste diálogo em que é lembrado o aparecimento da arte da escritura. A passagem refere-se ao momento em que Theuth, deus egípcio, mostra suas artes ao rei Thamous, este que reinava sobre todo o território. Ao apresentar-lhes a escritura, diz ele: “Eis aqui, ó Rei, um conhecimento que terá por efeito tornar os Egípcios mais instruídos e mais aptos para se rememorar: memória e instrução encontraram seu remédio (*phármakon*).” O rei Thamous, no entanto, replica, e sem recusar a homenagem de Theuth, a deprecia, faz manifestar não apenas a sua inutilidade, mas o seu malefício. A recusa velada do Rei tem seus motivos. Como observa Derrida, Deus, o rei, o pai, não sabe escrever, mas esta ignorância ou incapacidade dão testemunho de sua soberana independência: “ele não tem necessidade de escrever: ele fala, ele diz, ele dita, e sua fala é suficiente. Que um escriba de seu secretariado acrescente a isto ou não o suplemento de uma transcrição, essa consignação é por essência secundária”¹². A escritura é ofertada ao Rei como um presente, mas cabe somente a ele, no entanto, conferir ou não valor ao que lhe é ofertado. A escritura é apresentada ao rei e, por ele, rejeitada, diminuída. Ela ganha, então, o seu ambíguo sentido, este que carrega a palavra *phármakon* em grego — remédio, mas também veneno. É que esta técnica artificiosa poderia afastar da verdade da palavra viva do “rei” e trazer a ameaça do seu “esquecimento”. Em *Gramatologia*, o autor já tenta analisar este caráter ameaçador da escritura no *Fedro*:

A escritura, meio mnemotécnico, suprimindo a boa memória, a memória espontânea, significa o esquecimento. É bem precisamente isso que dizia Platão em *Fedro*, comparando a escritura à fala como a *hypomnesis* à *mneme*, o auxiliar lembrete à memória viva. Esquecimento porque mediação e saída fora de si do *logos*. Sem a escritura, este permaneceria em si. A escritura é a dissimulação da presença natural, primeira e imediata do sentido à alma no *logos*¹³.

A escritura é, portanto, rebaixada em relação à fala, esta última se revelando a presença viva e verdadeira do discurso. Derrida chama a atenção para a permanência deste esquema platônico que, ao conferir a origem e o poder da fala, mais precisamente do *logos*, à posição paternal, instala toda a metafísica ocidental em sua conceitualidade. A análise do *Fedro* permite que

¹² Sobre a análise desta passagem, Cf. DERRIDA, J. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997, pp. 21, 22, 49.

¹³ DERRIDA, J. *Gramatologia*, p.45.

Derrida traga para a cena, portanto, outra característica do pensamento metafísico, indissociável, por sua vez, do fonologocentrismo: o seu caráter falocêntrico, ou seja, o privilégio da fala do pai do *logos* se comportando como uma pessoa assistida em sua origem e presente a si mesma. Sobre esta característica, observa Derrida que “a voz da verdade é sempre a voz da lei, de Deus, do pai. Virilidade essencial do *logos* metafísico”¹⁴. “Liame superficial”, “unidade puramente factícia”, “veneno”, “esquecimento” são apenas algumas metáforas, entre outras, recuperadas por Derrida e que dão conta deste lugar “marginal” da escritura na história do pensamento ocidental. Suspeita, ela parece estar sempre à espreita, como a possibilidade mesma do pecado original que pode nos tentar pela facilidade, nos afastando da verdade.

A partir do interesse voltado para este “artício suspeito e perigoso” que é a escritura, Derrida convoca a obra de Freud pela primeira vez em *Freud e a cena da escritura*. Qual é o papel da escritura no pensamento de Freud, segundo Derrida? Como Derrida integrou este aspecto da obra freudiana no movimento de uma desconstrução da metafísica? Se constatamos que na leitura derridiana a escritura é descrita como este « pecado original » em relação à autoridade do querer-dizer do *logos*, todo o nosso interesse reside precisamente em investigar como, na pena de Derrida, Freud pecou. É o que começaremos a investigar a seguir.

2.2

O psiquismo como escritura em Freud: traço e diferença

O diálogo com a fenomenologia husserliana e com a lingüística de Saussure, a propósito da questão do signo, conduz Derrida a Freud. Sendo os quase-conceitos derridianos de *différance* e de *traço*¹⁵ impensáveis dentro de uma

¹⁴ DERRIDA, J. *Violence et Métaphysique*, p. 228; Cit. Sara Kofman. “Un Philosophie Unheimlich”. In: *Lectures de Derrida*. Paris: Éditions Galilée, 1984.

¹⁵ Em *Gramatologia*, uma das possíveis definições para o quase-conceito de *différance* é: “conceito econômico designando a produção do diferir, no duplo sentido desta palavra.”, p.29. No *Vocabulaire de Derrida* assinado por Charles Ramond, encontramos outra que, acrescida dos comentários do autor, nos ajudam a compreender melhor a importância da *différance* dentro do panorama do pensamento derridiano: “O termo *différance* é, desde a conferência de janeiro 1968 (retomada no livro *Margens da filosofia*), o emblema da filosofia de Derrida e, sem dúvida, o melhor exemplo de sua maneira sedutora e desestabilizante [...] a *différance* é o ‘fato de diferir’, é portanto, a diferença tomada em seu aspecto dinâmico e não estático, a

lógica da consciência e de um fonocentrismo, Derrida vai procurar assim, numa “lógica do inconsciente”, elementos para afirmar seu discurso e sustentar, assim, a tarefa da desconstrução dos textos da tradição metafísica. De uma maneira geral, a hipótese freudiana do inconsciente e do recalque desestabilizam a ciência e a filosofia metafísica à medida que a “experiência vivida” deixa de ser o critério de significação. Os afetos passam a não ter as mesmas significações que seriam atribuídas por uma experiência consciente; a consciência não é mais presente a si mesma. Esta subversão dos princípios da ciência e da filosofia pela psicanálise é, em verdade, a subversão do seu caráter fenomenológico, no sentido de que “toda filosofia falando do sujeito e do afeto seria fenomenológica por essência”¹⁶. A operação de desconstrução da metafísica não poderia, portanto, deixar de convocar Freud e de inseri-lo no seu movimento.

Esta convocação terá seu ponto de partida com o tema da escritura. E na esteira da problemática da escritura, Derrida destaca o que seria a verdadeira descoberta da psicanálise: um pensamento revolucionário sobre a temporalidade. Vamos seguir, a partir de agora, o caminho de Derrida em Freud.

Derrida publica em 1967, *Freud e a cena da escritura*, primeiro texto dedicado exclusivamente à Freud. O autor esclarece, logo nas primeiras linhas, “sua ambição muito limitada” em relação ao texto freudiano: reconhecer e isolar no texto de Freud “tudo aquilo que da psicanálise se deixa dificilmente conter no fechamento logocêntrico, tal qual limita não só a história da filosofia e das ciências humanas, em especial de uma certa lingüística”¹⁷. Traíndo a modéstia desta “ambição limitada”, a análise dos textos de Freud e a atenção

diferença começando a se estabelecer a não estabelecida.” RAMOND, C. *Le Vocabulaire de Derrida*. Paris: Ellipses Édition Marketing, 2001, p.25. Uma outra definição, descrita em Posições, já articula a *différance* ao sistema de diferenças e ao traço: “A *différance* é o jogo sistemático das diferenças, dos traços de diferenças, do espaçamento, pelo qual os elementos se remetem uns aos outros.”,p.33 Sobre o conceito de traço, Geoffrey Bennington, comentador da obra de Derrida, parece ter sido quem melhor reuniu as definições que aparecem espalhadas pela obra do filósofo: “Mas já podemos nomear o *traço*. Pois se todo elemento do sistema só possui identidade em sua diferença com relação aos outros elementos, cada elemento está marcado assim por todos esses que ele não é: ele traz, portanto, o traço deles. [...] ‘Traço’ tenta nomear esse encadeamento do outro-no-mesmo que é condição do mesmo no mesmo [...]. BENNINGTON, G. *Derridabase*. In: DERRIDA, J., BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1996, p.60-61.

¹⁶ DERRIDA, J. *Speculer sur Freud*. In: La carte postale, Paris: Flammarion, 1980, p.308.

¹⁷ DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995, p.182.

às questões colocadas pela psicanálise logo se estenderiam, abrangendo, então, o trabalho de toda uma vida.

Freud e a cena da escritura é uma análise rigorosa dos passos dados por Freud ao representar a estrutura do aparelho psíquico como uma máquina de escrita. Um percurso freudiano que vai desde o artigo intitulado “Projeto para uma psicologia científica” (1895) até “Nota sobre o bloco mágico” (1925), passando por “A Interpretação dos sonhos” (1900). Um dos pontos de articulação do texto reside no conceito de *traço*, já delineado em *Gramatologia* onde Derrida o aproxima daquele que está no centro dos escritos de Emmanuel Lévinas e de sua crítica da ontologia. Reconhece, no entanto, que a palavra traço “deve fazer referência a um certo número de discursos contemporâneos com cuja força entendemos contar”¹⁸ e o situa como instrumento da desconstrução da consciência e, portanto, da ‘presença’, no discurso nietzschiano e no discurso freudiano.

Nas primeiras linhas de *Freud e a cena da escritura*, Derrida sublinha, de antemão, o fato de Freud, na sua exposição sobre o aparelho psíquico, recorrer a modelos metafóricos que não são tirados da língua falada e nem mesmo da escrita fonética, liberando assim a grafia da sua sujeição exterior ou posterior à palavra; Freud teria, contrariamente, recorrido a sinais que não vêm transcrever uma palavra viva e plena, presente a si mesma. Derrida parece localizar aí, portanto, desde já, o aspecto “estranho” no texto freudiano, algo que, tendo em conta as metáforas que Freud utiliza para falar da escritura, parece “não se entregar” tão facilmente ao leitor do texto: “É certo que Freud não maneja metáforas, se manejar metáforas é fazer alusão ao desconhecido partindo do conhecido. Pela insistência do seu investimento metafórico, torna pelo contrário enigmático o que se julga conhecer pelo nome de escritura”¹⁹. A novidade em Freud não é, naturalmente, o uso de imagens gráficas para ilustrar as relações entre a razão e a experiência, da percepção e da memória, como já se tinha feito desde Platão e Aristóteles. A novidade seria a de que antes de Freud este uso de imagens gráficas jamais deixou de tranquilizar uma

¹⁸ DERRIDA, J. *Gramatologia*, p. 86.

¹⁹ DERRIDA, J. *Freud e a cena da escritura*, p.182.

confiança no sentido do termo conhecido e familiar da escritura. “O gesto esboçado por Freud destrói esta segurança” — diz Derrida ²⁰.

Em *Freud e a cena da escritura*, Derrida comentará, primeiramente, o caminho percorrido em “O Projeto”, a descrição neurológica que faria nascer, mais tarde, a metáfora da máquina de escrita. Freud, neste momento, gostaria de propor uma explicação do fenômeno da memória no estilo das ciências naturais e se vê diante da necessidade de elaborá-la segundo uma das principais propriedades do sistema nervoso: de uma maneira geral, “a aptidão para ser alterado de um modo duradouro por acontecimentos que só se produzem uma vez” ²¹. É o que levará Freud a propor, trinta anos mais tarde, no “Bloco Mágico”, a necessidade de um aparelho que dê conta da permanência do traço e, ao mesmo tempo, da virgindade sempre intacta da superfície de recepção das “excitações” no aparelho perceptivo. No “Projeto” são ainda os neurônios que exercem o papel desta superfície, o que fará Freud postular um grupo de neurônios permeáveis, que não ofereceriam resistência e não reteriam nenhum traço das impressões, e um segundo grupo, que oporiam as chamadas “grades de contato” ²² à quantidade de excitação, conservando, assim o seu traço impresso, oferecendo uma possibilidade de se representar a memória. Freud só concede a qualidade psíquica a estes últimos neurônios; deste modo, a memória não constitui uma propriedade do psiquismo entre outras, mas ela é a própria essência do psiquismo: “resistência e, por isso mesmo, abertura à efração do traço.” Não é, portanto, sem a violência da efração que se constituem as “explorações” (*Bahnung*)²³ que são a memória. O primeiro ponto que justifica o interesse de Derrida é o fato de que é preciso que haja uma *diferença* entre as resistências às explorações para que a memória seja possível. A igualdade das resistências à “exploração” ou a

²⁰ Ibid., p.182.

²¹ Ao longo do texto, vamos privilegiar a linha de tradução do próprio Derrida, comparando-a, quando necessário, com a da Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud, Rio de Janeiro, Imago editora. A respeito deste trecho, consta nesta edição: “a capacidade de ser permanentemente alterado por simples ocorrências”.

²² Sobre a hipótese freudiana das “grades” ou “barreiras” de contato, conferir edição das Obras completas de Sigmund Freud, Imago Editora, volume I, p.350.

²³ ‘Facilitação’ na tradução da coleção da Imago editora, p.352. No entanto, vários comentaristas brasileiros da obra Freud adotaram o termo ‘trilhamento’ que evoca, tanto na sua sonoridade quanto no seu potencial significante, o termo ‘traço’ do pensamento derridiano. Na tradução brasileira de *Freud e a cena da escritura*, vemos o termo ‘exploração’ que adotaremos aqui por ser o que mais se aproxima da idéia da inscrição violenta de uma marca, que, como veremos adiante, será essencial na filosofia derridiana.

equivalência das forças de exploração reduziria toda a *preferência* na escolha dos itinerários e a memória seria paralisada. Só a possibilidade desta diferença entre as explorações poderia garantir a “preferência da via” que seria a memória e, por conseguinte, a vida do psiquismo. O traço ou exploração se produziria, portanto, neste golpe que seria, a um só tempo, resistência e efração, inscrição e lacuna (presença e ausência), mas nunca um sem o outro. Derrida encontra aí a ressonância do seu conceito de traço na sua fusão com a problemática da diferença:

O traço como memória não é uma exploração pura que sempre se poderia recuperar como presença simples, é a diferença indiscernível e invisível entre as explorações. Sabemos, portanto, já que a vida psíquica não é nem a transparência do sentido nem a opacidade da força, mas a diferença no trabalho das forças ²⁴.

A idéia desta diferença “originária” encontrada em Freud, correlata à própria vida do aparelho psíquico em si mesmo, inclui um certo papel da “repetição das explorações” ²⁵ que ajudam a proteger a vida e a memória. Observa-se o movimento da vida protegendo-se a si própria, *diferindo* o investimento perigoso ou estímulo excessivo com a ajuda da repetição, isto é, constituindo uma *reserva*. Este movimento, Derrida o nomeia uma *economia* na origem da vida e da diferença:

Não é já a morte no princípio de uma vida que só pode defender-se contra a morte pela *economia* da morte, pela *différance*, pela repetição, pela reserva? Pois a repetição não *sobrevém* à primeira impressão, a sua possibilidade já ali está, na resistência oferecida *pela primeira vez* oferecida pelos neurônios psíquicos. A própria resistência só é possível se a oposição de forças durar ou se repetir originariamente. É a própria idéia de *primeira vez* que se torna enigmática ²⁶.

²⁴ Ibid., p.185.

²⁵ O tema da ‘repetição’ em Freud aparecerá em várias de suas obras. Uma referência precoce pode ser encontrada no artigo *Recordar, repetir e elaborar* de 1914, onde ele analisa o mecanismo de repetição em jogo na ‘neurose de transferência’. Em 1920, por ocasião de *Além do princípio do prazer*, Freud a associa ao enigmático fenômeno da ‘compulsão à repetição’ por meio do qual o psiquismo é levado a repetir uma experiência ou conteúdo doloroso, que lhe causa desprazer, contrariando aparentemente a hipótese freudiana da dominância do princípio do prazer. É interessante notar como por ocasião do *Projeto*, um texto que pretendia se harmonizar com o modelo das ciências naturais, já se via desenhar a intuição freudiana que atribuía à repetição uma função primordial na origem dos fenômenos psíquicos).

²⁶ Ibid., pp.186, 187.

Poderíamos ainda, com Derrida, defender que “na primeira vez do contato entre duas forças a repetição começou”²⁷. Mas se ele elabora esta formulação é para, em seguida, preservar o enigma desta “primeira vez”, afirmando que a “não origem” é que é originária : não há antes uma vida, uma presença plena que viria em seguida proteger-se pela reserva: tudo começa pela repetição.

Observa-se, portanto, o profundo interesse de Derrida em recuperar a noção de inscrição do traço psíquico em Freud: estes materializam, ainda que neste momento inicial num suporte neurológico, o pensamento da *différance* e do *traço* derridianos. Freud pensou o aparelho a partir do traço ao invés de pensá-lo como presença; pensou a vida desde já como traço, morte. Na sua análise, Derrida insiste na metáfora do “sulcamento”,²⁸ na “força da exploração”. Seria aí já uma preocupação com uma certa violência do traço que se impunha?

2.3

O “a posteriori” freudiano e a escritura do sonho

Mas como sustentar a idéia de uma diferença que é “originária”? Ao invés de renunciar ao aparente paradoxo desta formulação, Derrida continuará a buscar em Freud as conseqüências que este tão bem soube tirar desta primeira invenção da “presença-ausência” do traço psíquico. É preciso, diz o autor, questionar o conceito de “diferir”, tentar situar a *différance* fora de todo o horizonte teleológico ou escatológico. Para isto ele contará com o conceito de “a posteriori” freudiano (*nachträglichkeit*)²⁹ — segundo ele, a descoberta fundamental, a mais importante do pensamento de Freud.

²⁷ Ibid., p.187.

²⁸ Outra tradução para a palavra *Bahnung*, de fato interessante, cunhada pela tradução brasileira de Joaquim Torres Costa e Antonio Magalhães. *A diferença*. In: *Margens da filosofia*. São Paulo: Papyrus editora, 1991, p.51.)

²⁹ O conceito de “a posteriori” freudiano foi assim definido e comentado no Dicionário de Psicanálise organizado por Roland Chemama: “Diz-se da dimensão da temporalidade e da causalidade específica da vida psíquica, que consiste no fato de que as impressões ou os traços amnésicos só podem adquirir todo o sentido e toda a eficácia em um tempo posterior ao de sua primeira inscrição. [...] É a partir de um esquema desse tipo que se deve conceber o trauma. [...] Assim, Freud estabelece, a respeito do caso do ‘Homem dos lobos’, que tendo sido testemunha, com um ano e meio, de um coito entre os seus pais, não o compreendeu senão aos quatro anos, ‘graças a seu desenvolvimento, sua excitação sexual e sua busca sexual’. Foi nesta idade que esta ‘cena primitiva’ adquiriu para ele toda a sua eficácia

Freud põe em jogo esta descoberta até nas suas conseqüências últimas e para lá da psicanálise do indivíduo (...) Que o presente em geral não seja originário, mas reconstituído, que não seja a forma absoluta, plenamente viva e constituinte da experiência, que não haja pureza do presente vivo, é o tema, formidável para a história da metafísica, que Freud nos leva a pensar através de uma conceitualidade desigual à própria coisa. *Este pensamento é sem dúvida o único que não se esgota na metafísica ou na ciência* ³⁰.

O *nachträglichkeit* introduzirá, portanto, mais do que a noção de “intemporalidade do inconsciente” ³¹ a alteridade radical com relação a todos os modos possíveis de presença. A noção de “intemporalidade”, ao contrário, sublinha Derrida, só é determinada pela oposição a um conceito corrente de tempo, conceito tradicional e pertencente à metafísica, ligado ao tempo da mecânica ou tempo da consciência: “O inconsciente só é certamente intemporal perante um certo conceito vulgar de tempo” ³². De fato, a noção do “a posteriori” permite à psicanálise conceber a alteridade do inconsciente não como o acesso a “presentes modificados” mas a um passado que nunca esteve presente e que não o será jamais. Esta noção desenha melhor os conceitos de traço e *différance*: ele impede de forma definitiva que se possa tentar pensá-los a partir do presente ou da presença do presente ³³.

Na carta 52, em que Freud expõe a Fliess sua teoria sobre a memória, ele retoma a idéia da repetição na constituição da mesma articulando o traço ao que viria a ser o “a posteriori” freudiano. Neste momento, para falar de um presente originariamente reconstituído a partir dos “signos” da memória, Freud já utiliza as palavras “signo”, “inscrição”, “transcrição”. Mas é em *A*

psíquica determinante, em seu fantasma e em seu sintoma”.CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Larousse, Artes Médicas, 1995, p.7.

³⁰ Ibid., pp.189-201, grifo meu.

³¹ Freud designou algumas características dos processos pertencentes ao sistema INC, entre elas a noção de intemporalidade do INC.

³² Ibid., p.204.

³³ Através de uma definição de *différance* encontrada no texto *A diferença* é que se pode ver toda a coerência entre os conceitos de “a posteriori” freudiano e o movimento da *différance*, este sempre se abrindo para o futuro, para o inantecipável: “A *différance* é o que faz com que o movimento da significação não seja possível a não ser que cada elemento, dito ‘presente’, que aparece sobre a cena da presença, se relacione com outra coisa que não ele mesmo, guardando em si a marca do elemento passado e deixando-se já moldar pela marca da sua relação com o elemento futuro, relacionando-se o traço menos com aquilo a que se chama presente do que com aquilo a que se chama passado, e constituindo aquilo a que chamamos presente por intermédio dessa relação mesma com o que não é ele próprio: absolutamente não ele próprio, ou seja, nem mesmo um passado ou um futuro como presentes modificados. *A diferença*, Ibid., p.45.

Interpretação dos Sonhos que se dará o salto em que o traço avança para em breve se tornar escritura: a metáfora da escritura, além de abranger o problema do aparelho na sua estrutura, abordará também o problema do texto psíquico em sua textura, abalando a sua noção de presença.

Com *A interpretação dos Sonhos* Freud introduzirá a sua novidade no que diz respeito à interpretação: ela não consiste na profundidade ou na acuidade da interpretação como tal, mas na forma com que ela leva em conta a estrutura do sonho. Ao invés de se fechar na busca do seu sentido, Freud buscava, portanto, prestar atenção à forma singular pela qual o sonho fala, sua linguagem própria, se dedicando ao trabalho sobre *a narração onírica ela mesma*. A linguagem do sonho não pode ser apreendida enquanto tal; se o sonho fala, sua fala não pode ser reduzida à linguagem fonética da experiência consciente. Freud recorrerá sempre à escritura não fonética em geral, deduzindo já deste trabalho com os sonhos uma outra concepção de linguagem. No artigo *O interesse científico da psicanálise*, de 1913, Freud se dirige aos filólogos da época enunciando o que seria esta nova concepção. Observa-se que o que é então afirmado sob o nome de “linguagem” é bem parecido com o que Derrida reúne sob o nome de “escritura” na sua *Gramatologia*:

Estarei sem dúvida infringindo o uso lingüístico comum ao postular um interesse na psicanálise por parte dos filólogos, isto é, dos peritos da fala, porque, no que se segue, a expressão ‘fala’ deve ser entendida não apenas como significando a expressão do pensamento em palavras, mas também a linguagem gestual e qualquer outro tipo de expressão da atividade psíquica, como a escritura [...] Parece-nos mais correto comparar o sonho a um sistema de escritura do que a uma língua. De fato a interpretação de um sonho equivale, do começo ao fim, a decifrar uma escritura figurativa da Antiguidade, como os hieróglifos egípcios. A plurivocidade dos diferentes elementos do sonho tem seu equivalente nos sistemas de escritura antiga³⁴.

Derrida sublinha, portanto, este momento em que Freud parece impor um divisor de águas com relação à representação da escritura na história do pensamento: “A escritura geral do sonho supera a escrita fonética e *volta a por a palavra no seu lugar*. Como nos hieróglifos ou nas charadas, *a voz é cercada*”³⁵. Ele observa que Freud, ao se deparar com a estranheza das

³⁴ FREUD, S. *O interesse científico da psicanálise*. In: Edição das obras completas de Sigmund Freud, vol. XIII, pp. 181-182.

³⁵ *Ibid.*, p.209, grifo meu.

relações lógico-temporais no sonho, recorre a estas formas não fonéticas de escritura, à sinopse espacial do pictograma, da charada e do hieróglifo. Pois se trata antes, em Freud, de uma *cena* da escritura e não de um *quadro*: o palco do sonho não é a presença dos signos petrificados, mas antes um espaçamento não puramente fônico das significações, onde são possíveis encadeamentos que não mais obedecem à linearidade do tempo lógico, do tempo da consciência ou da representação verbal.

Se, por um lado, esta recusa em reduzir a escritura do sonho à dimensão verbal da palavra aproxima o método freudiano do antigo método egípcio de interpretação a que o estudo de Freud faz alusão, ela também dele o diferencia, por não se referir a nenhum código de deciframento pré-estabelecido. Como nos lembra Freud, “o mesmo conteúdo de sonho pode abrigar também um sentido diferente em pessoas diferentes e num contexto diferente”³⁶. É precisamente neste ponto que se introduz o que Derrida chama a “ruptura freudiana”: a capacidade para abalar de forma radical, através de uma nova representação da escritura psíquica, a noção de escritura até então vigente “no mundo” e na história do pensamento:

Introduz-se aqui a ruptura freudiana. É certo que Freud pensa que o sonho se desloca como uma escritura original, pondo as palavras em cena sem se submeter a elas; é certo que pensa aqui um modelo de escritura irreduzível à palavra e comportando, como os hieróglifos, elementos pictográficos, ideogramáticos e fonéticos. Mas faz da escritura psíquica uma produção tão originária que a estrutura tal como julgamos poder ouvi-la em seu sentido próprio, escritura codada e visível “no mundo”, não passaria de uma metáfora. A psíquica, por exemplo, a do sonho que ‘segue explorações antigas’, simples momento na regressão para a escritura ‘primária’, não se deixa ler a partir de nenhum código. [...] O sonhador inventa sua própria gramática³⁷.

Sendo assim, o reencontro com a lingüística de Saussure em *Freud e a cena da escritura* se torna inevitável. Derrida encontra no discurso freudiano

³⁶ “Ao abordar os diferentes métodos de análise dos sonhos, Freud observa: “O meu método não é tão cômodo quanto o método popular de decifração, que traduz qualquer parte isolada do conteúdo do sonho por meio de um código fixo. Pelo contrário, estou pronto a constatar que o mesmo fragmento de um conteúdo pode ocultar um sentido diferente quando ocorre em várias pessoas ou em vários contextos.” FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*. Edição das obras completas de Sigmund Freud, Imago editora, vol. IV, cap II.

³⁷ Ibid. p.196.

um campo fértil para a retomada do debate estabelecido em *Gramatologia*³⁸. Por ocasião da recuperação da noção de escritura freudiana como denúncia da ausência de referência à um código pleno, Derrida vê em Freud um poderoso aliado para mostrar que a diferença entre significante e significado nunca é radical. O trabalho do sonho não consistiria em tomar emprestados, mas em produzir seus próprios significantes; é certo que ele não os cria em seu próprio corpo, mas ele os produz em sua significância. É neste sentido que a produção onírica, como assim descrita, abalaria precisamente a idéia de “significante” e, na esteira disto, a idéia familiar de “tradução”: entre os pontos de aderência do significante ao significado a experiência não deixaria de marcar distâncias e revelaria a impossibilidade da existência de um código permanente que permitisse substituir ou transformar os significantes conservando o mesmo significado, sempre *presente* apesar da ausência deste ou daquele significante determinado. Frente a isto, o par de conceitos significante/significado, mais uma vez, não se sustenta, nem designando, como quisera Saussure, os dois lados da mesma folha: a escritura originária, diz Derrida, se é que existe uma, “deve produzir o espaço e o corpo da própria folha”³⁹. A leitura freudiana dos sonhos não pode, portanto, se caracterizar por uma atitude “fechada” em relação ao seu texto; ela não se enclausura na procura do seu sentido; ao contrário, ela se abre para a sua narração, a cada vez, singular, no caminho de uma reconstituição. Mas esta reconstituição atravessa a impossibilidade da tradução; é preciso *desde sempre reescrever*, reconstruir. É certo que Freud fala de “transcrição”⁴⁰ para descrever a passagem de pensamentos inconscientes pelo pré-consciente em direção à consciência. Mas é nesse

³⁸ Mas este debate, como dissemos anteriormente, tem também como pano de fundo o desenrolar de um questionamento dos pressupostos saussurianos da psicanálise lacaniana, indícios que podemos já recolher nestes primeiros textos derridianos: “É com uma grafemática futura, mais do que com uma lingüística dominada por um velho fonologismo, que a psicanálise se vê chamada a colaborar”. DERRIDA, J. *Freud e a cena da escritura*, p.212.

³⁹ *Ibid.*, p. 198.

⁴⁰ Na carta 52, endereçada a Fliess, Freud já expõe suas hipóteses para explicar o fenômeno da memória. Freud fala de uma ‘tradução’ do material psíquico de épocas sucessivas da vida. Algumas linhas após, ele usa o termo ‘transcrição’: “Gostaria de acentuar o fato de que os sucessivos registros [‘indicação da percepção’, ‘inconsciência’ e ‘pré-consciência’] representam a realização psíquica de épocas sucessivas da vida. Na fronteira entre essas épocas deve ocorrer uma *tradução* do material psíquico. Explico a peculiaridade das psiconeuroses com a suposição de que esta *tradução* não se fez no caso de uma determinada parte do material, o que provoca determinadas conseqüências [...] Cada *transcrição* subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação.” (grifo meu) *Carta 52. (6 de dezembro de 1896)*. Edição das obras completas de Sigmund Freud, vol I, p.283.

ponto, diz Derrida, que devemos atravessar a idéia perigosa à que faz alusão este conceito mantendo-nos fiéis às observações de Freud no último capítulo de *A Interpretação dos sonhos*. Nesta ocasião, Freud visa corrigir algumas imagens das quais tinha feito uso até então e retifica a idéia de um processo de “transcrição” como “tradução”, que implicaria a formação na consciência de um pensamento cuja “versão original” seria encontrada no inconsciente ⁴¹. O texto consciente não é um texto que já está ali, imóvel, acabado; ele não é um arquivo cujo conteúdo foi transportado, transcrito de um outro lugar, pois não há texto *presente* noutra lugar sob a forma de inconsciência. O texto inconsciente como trabalho dos traços e das diferenças é um texto em parte alguma presente, constituído por arquivos que são sempre já transcrições, cujo presente significado só se dá “no depois”, na lógica do *nachträglichkeit*.

2.4

O psiquismo como máquina de escrita

Em 1920, na *Nota sobre o Bloco Mágico*, será possível dar o salto que descreve o psiquismo como uma máquina de escrita. O Bloco Mágico, esse “pequeno invento” adotado por Freud, parece conciliar, enfim, a virgindade da superfície de recepção e a reserva infinita das marcas. O escrito se apaga a cada vez que se rompe o contato estreito entre a folha de celulóide que recebe o estímulo e a cera que retém a impressão; porém, a possibilidade de apagar os traços desta primeira camada, dita a da percepção-consciência, não impede de modo algum a permanência dos traços na cera comparada ao inconsciente ⁴².

⁴¹ Freud escreve no último capítulo de *A Interpretação dos sonhos*: “(...) podemos falar de um pensamento inconsciente que procura transmitir-se para o pré-consciente, de maneira a poder então penetrar na consciência. O que temos em mente aqui não é a formação de um segundo pensamento situado num novo lugar, como uma *transcrição* que continuasse a existir junto com o original; e a noção de irromper na consciência deve manter-se cuidadosamente livre de qualquer idéia de uma mudança de localização.” (grifo meu). *A Interpretação dos sonhos*. Edição das obras completas de Sigmund Freud, Editora Imago, vol. V, cap. VII, p.635.

⁴² Vale a pena conferir aqui a descrição de Freud e todas as metáforas da escritura como “impressão”, que Derrida evoca ao longo do seu texto — a pressão de um *estilete pontiagudo* sobre a prancha, *calcando* sua superfície; a constituição de *depressões* e *sulcamentos*, a força que *pressiona* o papel encerado: “O Bloco Mágico é uma prancha de resina ou cera castanha-escura com uma borda de papel; sobre a prancha está colocada uma folha fina e transparente [...] Para utilizá-lo escreve-se sobre a parte de celulóide da folha de cobertura que repousa sobre a prancha de cera [...] constitui um retorno ao antigo método de escrever sobre as pranchas de gesso ou cera: um estilete pontiagudo calca a superfície, cujas depressões nelas feitas constituem a ‘escrita’. No caso do Bloco Mágico esse calcar não é efetuado

Derrida observará que a esta descrição espacial da escritura vem se acrescentar algo mais interessante, a própria temporalidade deste pedaço de cera. O fato de Freud querer reconstruir uma *operação* o obriga a levar em conta o tempo da multiplicidade das camadas sensíveis o que ele fará através da inserção de um conceito descontinuista do tempo como periodicidade e espaçamento da escritura. Freud imagina uma “máquina para duas mãos”⁴³:

Se imaginarmos uma das mãos escrevendo sobre a superfície do Bloco Mágico, enquanto a outra eleva *periodicamente* sua folha de cobertura da prancha de cera, teremos uma representação concreta do modo pelo qual tentei representar o funcionamento do aparelho perceptual da mente⁴⁴.

Derrida entende assim esta noção de temporalidade:

A temporalidade como espaçamento não será apenas a descontinuidade horizontal na cadeia dos signos, mas a escritura como *interrupção* e *restabelecimento* do contato entre as diversas profundidades das camadas psíquicas, o material tão heterogêneo do próprio trabalho psíquico⁴⁵.

Derrida observa que Freud introduz, assim, uma noção de tempo como a *economia de uma escrita*. A lógica da posteridade parece, enfim, encontrar-se na sua máxima relação com uma máquina de escritura em Freud. O tempo da máquina, tempo de interrupção e restabelecimento entre as camadas, introduz a descontinuidade temporal como morte. Mas por pouco tempo. Pois Freud, no limite de uma metafísica clássica, não se inquieta sobre o caráter “exterior” e “acessório” deste bloco de escrita. O seu Bloco Mágico é mais um modelo de representação auxiliar para representar o primado da memória viva e da anamnese em sua temporalização original, pois se continua a opor, como em Platão, a memória hipomnésica à uma espécie de escritura “viva”, eu seria portadora ela própria de traços, recordações empíricas de uma verdade

diretamente, mas mediante o veículo da folha de cobertura. Nos pontos em que o estilete toca, ele pressiona a superfície inferior do papel encerado sobre a prancha de cera, e os sulcos são visíveis como escrita preta sobre a superfície cinzento-esbranquiçada do celulóide, antes lisa. Querendo-se destruir o que foi escrito, necessário é só levantar a folha de cobertura dupla da prancha de cera com um puxão leve [...] o Bloco Mágico está agora limpo de escrita e pronto para receber novas notas.” *Nota sobre o Bloco Mágico*. Edição das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XIX, p.256-257.

⁴³ Ibid., 221.

⁴⁴ FREUD, S. Nota sobre o Bloco Mágico, vol XIX das Obras Completas de Freud, p.259, grifo meu.

⁴⁵ Ibid., p.219, grifo meu.

presente fora do tempo. Freud introduz a morte *no* “psiquismo-máquina” e não ainda o “psiquismo-máquina” como morte. Ele, portanto, continua insatisfeito com sua representação mecânica:

Deve chegar um ponto em que a analogia entre um aparelho auxiliar desse tipo e o órgão que é o seu protótipo deixará de aplicar-se. Também procede do fato que uma vez apagada a escrita, o Bloco Mágico não a pode ‘reproduzir’ desde dentro; ele seria, com efeito, um bloco mágico se, tal qual nossa memória, pudesse realizar aquilo ⁴⁶.

Observa-se, enfim, que os últimos parágrafos de *Freud e a cena da escritura*, parecem situar duplamente o discurso freudiano: ora denunciando suas cumplicidades metafísicas, ora afirmando-o como um pensamento revolucionário sobre a escritura e sobre a temporalidade, que é capaz de operar uma ruptura em relação às primeiras. Derrida conclui num dos últimos parágrafos: “Assim se anunciam talvez, na abertura freudiana, o para lá e o para cá do fechamento que podemos denominar platônico” ⁴⁷.

Ao longo da leitura desses três textos freudianos, observa-se a insistência das metáforas que concernem à *violência da inscrição psíquica*. Derrida resgata, do texto freudiano, as noções de um “trabalho itinerante do traço”, da “exploração”, da “via aberta apesar das resistências”, do “sulcamento”. O filósofo sugere a importância da tomada em consideração da problemática da violência instituinte do traço:

Seria, portanto necessário examinar de perto – não o podemos naturalmente fazer aqui – tudo o que Freud nos dá a pensar da força da escritura como “exploração” na repetição psíquica dessa noção outrora neurológica: abertura do seu próprio espaço, efração, abertura de um caminho apesar das resistências, ruptura e irrupção *abrindo caminho (rupta, via rupta)* inscrição violenta de uma forma (...) Seria preciso estudar conjuntamente, genética e estruturalmente, a história do caminho e a história da escritura. Pensamos aqui nos textos de Freud sobre o trabalho do traço mnésico que, por já não ser o traço neurológico, não é ainda a “memória consciente”, no trabalho *itinerante* do traço, produzindo e não percorrendo o seu caminho ⁴⁸.

A partir dos anos 80, Derrida vai se dedicar à abordagem da violência da inscrição e da escritura sob a roupagem do processo que ele denomina

⁴⁶ FREUD, S. *Nota sobre o Bloco Mágico*, p.258.

⁴⁷ *Ibid.*, p.224.

⁴⁸ *Ibid.*, p.203-204.

“arquivamento”. A psicanálise, nomeada por ele como uma “ciência do arquivo” terá um importante papel na análise da violência dos discursos, do desejo de origem e de apropriação ao qual está submetido todo discurso. No que se segue, iremos abordar alguns elementos deste momento da obra derridiana.

2.5 A psicanálise como ciência do arquivo

Serão necessários quinze anos para que Derrida retome a possibilidade da análise da questão da escritura em Freud. *Speculer sur Freud*, texto datado de 1980, e *Mal de Arquivo*, de 1995, procuram, cada um a sua maneira e segundo suas respectivas terminologias, abordar o problema da violência inerente aos arquivos, e a heterogeneidade da posição da psicanálise em relação à esta.

Estas duas obras fazem referência à problemática da pulsão de morte⁴⁹ em Freud. Para compreendermos, futuramente, o tema da violência da escritura sob a imagem do “arquivo”, faz-se necessária uma introdução sobre a questão da “economia pulsional” freudiana, tal como abordada pela Desconstrução em *Speculer sur Freud*.

Em 1920, com *Além do princípio do prazer*, Freud retoma o fenômeno enigmático da “compulsão à repetição” por meio do qual o psiquismo é levado de forma imperativa a repetir uma experiência desagradável ou dolorosa, que lhe causa desprazer. Esta compulsão é, segundo Freud, a expressão da presença de forças de “alto grau pulsional” no psiquismo dando a “aparência de alguma força demoníaca em ação”⁵⁰. Freud se interroga se a hipótese da compulsão à repetição não é uma objeção à soberania do princípio do prazer⁵¹. Ela iria de encontro à sua hipótese inspirada pelo trabalho de Fechner e elaborada desde o início dos seus estudos psicológicos, do princípio de prazer como decorrente de um “princípio de constância”, ou seja, da tendência do aparelho mental em

⁴⁹ Pulsão: “Na teoria analítica, energia fundamental do sujeito, força necessária ao seu funcionamento, exercida em sua maior profundidade”. CHEMAMA, R. *Vocabulário de Psicanálise*, p.177. O conceito de pulsão de morte se esclarece ao longo da nossa exposição do texto de Freud.

⁵⁰ FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. vol XVIII das Obras Completas de Freud, p.46.

⁵¹ Princípio do prazer: “Princípio que rege o funcionamento psíquico, segundo o qual a atividade psíquica tem por finalidade evitar o desprazer e buscar o prazer”. *Vocabulário de psicanálise*, op. cit., p.164.

“manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, em mantê-la constante”⁵².

Freud parte da suposição de um atributo universal das pulsões na vida orgânica: uma pulsão seria um impulso inerente à vida orgânica a restaurar um estado anterior de coisas, um “impulso conservador” a que o organismo, no seu processo de constituição, foi obrigado a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas. Deste modo, guiado por este impulso conservador, o que o organismo deseja é morrer, mas apenas do seu próprio modo. Freud atribui às “influências perturbadoras e desviadoras externas” a criação da tensão no que até então seria uma substância inanimada que, esforçando-se a partir de então por neutralizar-se, daria origem à primeira pulsão: a pulsão de retornar ao estado inanimado. São, portanto, as influências externas que, cada vez mais, obrigam a substância viva a divergir mais amplamente de seu original curso de vida e a efetuar *détours* mais complicados antes de atingir seu objetivo de morte⁵³. A noção que mais uma vez aparece no texto de Freud e que fascina Derrida é a da “repetição” ilustrada por meio deste *détour*.

Derrida ressalta o privilégio da noção de “repetição” no texto freudiano em detrimento das oposições binárias, metafísicas, tal como a estabelecida entre o princípio de prazer/ princípio de realidade⁵⁴. No movimento de *détour*, o princípio de realidade entra em cena protegendo o organismo das imprudências às quais o princípio de prazer o expõe, mas longe de aí se representar como uma oposição ao primeiro, ele é nada mais do que um assistente, um escravo ou empregado deste último já que “ele pertence à mesma economia, à mesma casa”; ele é somente o “discípulo disciplinado” encarregado de educar um mestre, por vezes, dificilmente educável⁵⁵. A leitura derridiana conclui, então, que o princípio de realidade não impõe em si nenhuma renúncia ao prazer, ele implica somente este desvio, um *détour* para diferir o gozo, o atraso de uma *différance*. A idéia deste *détour* interminável impõe já a noção de um trajeto cujo curso e tamanho não são mais controláveis de modo que a reapropriação

⁵² FREUD, S. *Além do princípio do prazer*, op. cit., p.18.

⁵³ Cf. FREUD, S. *Além do princípio do prazer*, p.49-50.

⁵⁴ Princípio de realidade: “Princípio que rege o funcionamento psíquico e corrige as conseqüências do princípio do prazer, em função das condições impostas pelo mundo exterior.” *Vocabulário de Psicanálise*, op. cit., p.184.

⁵⁵ Cf. DERRIDA, J. *La Carte Postale*. Paris: Flammarion, 1980, p. 301. Trata-se de uma alusão de Derrida ao texto de Freud que afirma que “as pulsões sexuais são difíceis de educar”. Cf. *Além do princípio do prazer*, p. 20.

do “auto” da “auto-identidade” do prazer não é jamais garantida. Embora Freud insista ainda numa soberania do princípio do prazer, a leitura de Derrida expõe a complexidade da intuição freudiana: passo a passo, sem abrir mão da idéia de sua dominância, Freud o fará diferir-se, desencadeando em si mesmo o “outro absoluto”. A soberania do princípio do prazer se desconstruindo no movimento mesmo em que ela se garante. Desse modo, surge a função do aparelho psíquico que, *sem ser oposta* ao princípio do prazer, não será, por isso, menos independente dele, revelando-se mais originária que a tendência a buscar o prazer ou a evitar o desprazer: a pulsão de morte.

O tema da “economia pulsional” aparece igualmente em *Mal de Arquivo*. O argumento que Derrida desenvolve ao longo deste texto coloca a possibilidade de se pensar a psicanálise como uma aspiração a se tornar uma ciência geral do arquivo. A psicanálise, de fato, teria descoberto com a pulsão de morte o específico do trabalho do arquivamento: inscrição e, ao mesmo tempo apagamento. Inscrição: a compulsão à repetição é renomeada neste texto como a “reprodução” ou a “reimpressão” na medida que todo arquivo é um tipo de consignação num lugar exterior. Apagamento: a compulsão à repetição sendo indissociável da pulsão de morte, como já dizia Freud, implica que naquilo mesmo que condiciona e permite o arquivamento se encontra aquilo que o expõe à destruição. Derrida nomeia a pulsão de morte como pulsão “arquiviolítica”, ou seja, aquilo que introduz *a priori* o esquecimento no coração do arquivo e que dá ao arquivo a característica de trabalhar sempre contra si mesmo. Derrida, com Freud, desestabiliza a significação comum do arquivo; este “não será jamais a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Bem ao contrário: o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória”⁵⁶. A psicanálise, portanto, como ciência do arquivo, pensa uma tópica e uma pulsão de morte sem as quais não haveria, para o arquivo, nenhum desejo, nenhuma possibilidade.

Na esteira desta reflexão, a análise de Derrida permite, portanto, entrever como a obra de Freud introduz uma desconstrução geral do método da historiografia, de uma abordagem do *acontecimento* histórico, através de uma concepção outra, revolucionária, de arquivo. Esta questão será discutida por

⁵⁶ DERRIDA, J. *Mal de Arquivo*, p.22.

Derrida quando, por ocasião desta conferência, ele analisa alguns aspectos do livro *Freud's Moses, Judaism Terminable and Interminable*, do historiador do judaísmo Yosef Hayim Yerushalmi. Uma das discussões do livro de Yerushalmi trazida então por Derrida é a de saber se, como afirma Freud, no seu artigo “Moisés e o Monoteísmo”, existem traços do assassinato de Moisés por seu povo na Bíblia. No arquivo bíblico, constaria uma tentativa de lapidação ou lacuna a este respeito: a afirmação de que as pedras lançadas na direção de Moisés teriam sido desviadas pela intervenção divina. O que Freud descobre, então, por ocasião do contato com este texto da Bíblia, é a possibilidade de arquivos inconscientes, de acontecimentos recalçados e, portanto, “ausentes” do texto; a possibilidade do recalçamento de acontecimentos históricos no texto e pelo trabalho mesmo do texto. Yerushalmi, ao contrário, parece certo que o assassinato em questão não foi suficientemente lembrado na memória de Israel, tal como a experiência de uma ausência de arquivo. Derrida mostra como a concepção freudiana de arquivo escapa a Yerushalmi, que permanece ainda preso à norma clássica da (só) presença ou (só) ausência de referência literária explícita, enquanto o conceito freudiano de arquivo perturba as distinções entre presente e ausente, real e virtual. Nesta linhagem freudiana, pensar a inscrição do arquivo é já pensá-lo como o *traço* derridiano, ou seja, reconsiderar as evidências tranqüilas de um “existe” ou “não existe”, numa estrutura que excede a oposição entre “presente” e “ausente”. No caso deste arquivo bíblico, do acontecimento do assassinato de Moisés por seu povo, pode-se dizer que não há somente intenção mas também tentativa de assassinato, tentativa efetiva, atual, que somente uma espécie de “intervenção divina” desviou. Neste sentido, a psicanálise redimensionaria a tarefa do historiador que passaria a ser a de liberar o arquivo recalçado. Esta tarefa não poderia deixar de levar em conta uma análise histórica *do arquivo do recalque do arquivo*, possibilitada a partir da psicanálise.

O historiador Yerushalmi, no entanto, pretenderá se situar fora do espaço habitado pela psicanálise. E é este movimento que, mais adiante, queremos insistir, Derrida não deixará de sublinhar. O capítulo eu se segue interroga, portanto, questões relativas ao tema da herança, sendo introduzido pela leitura de Derrida do impacto da obra freudiana nas produções contemporâneas e, mais especificamente, na historiografia.